

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS –PORTUGUÊS/INGLÊS

MILENA FERNANDA FRANCO

**A LINGUAGEM DA PERMACULTURA:
CONTRIBUIÇÃO DE UM ESPAÇO PEDAGÓGICO ALTERNATIVO NA DIDÁTICA
ESCOLAR**

PATO BRANCO –PR
2016

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS –PORTUGUÊS/INGLÊS

MILENA FERNANDA FRANCO

**A LINGUAGEM DA PERMACULTURA:
CONTRIBUIÇÃO DE UM ESPAÇO PEDAGÓGICO ALTERNATIVO NA DIDÁTICA
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado no Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco.

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada
Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Márcia Andrea dos Santos.

PATO BRANCO –PR
2016



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Milena Fernanda FRANCIO**

Título: **A linguagem da permacultura: contribuição de um espaço pedagógico alternativo na didática escolar**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 22 / 11 / 2016, pela comissão julgadora:

Prof.ª Dra. Márcia Andrea dos Santos – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.ª Dra. Didiê Ana Ceni Denardi – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Esp. Nilson de Farias – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

À minha irmã, que idealizou comigo este projeto e que possibilitou com grande mérito a sua materialização

*Perseverança é aprender
aprender é praticar, praticar é repetir,
repetir é ganhar experiência,
experiência é crise,
crise é prova,
prova é fortalecimento, fortalecimento é liberdade,
liberdade é criar do nada,
criar do nada é transformar,
transformar é caminho e fim ao mesmo tempo!*

Rudolf Steiner

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados decorrentes à execução de um espaço pedagógico alternativo, intitulado “Jardim Literário”. Construído em um colégio da rede estadual de ensino de Pato Branco, esta proposta tem como princípio a aplicação das técnicas da Permacultura. Este conceito australiano nasceu nos anos 70 com o fim de criar uma nova visão sobre a maneira que o homem vem se relacionando com seu meio de intervenção. Construída a partir de uma ética e princípios próprios, tentaremos com a execução prática de uma sala de aula alternativa, transpor as técnicas da Permacultura para a didática escolar. Por fim, fazemos com este projeto uma defesa da escola pública, na democratização de seus recursos e na evolução das suas formas de conceber o ensino.

Palavras-chave: Permacultura, Educação, Consciência, Antroposofia.

ABSTRACT

This study aims to present the results of an alternative pedagogic place construction, named “Literary Garden”. Built at a public school of Pato Branco, this proposal has as principle the application of Permaculture’s techniques. This Australian concept was created in the 70’s having as objective to implement a new vision about the way human being have being relating themselves with the environment. Supported by its own ethic and principles, we tried, by this practical proposal of building an alternative classroom, transpose Permaculture’s techniques to the scholar perspective didactics. Ultimately, with this project we want to make a defense of public school, to democratize its resources and evolution of the ways teaching is conceived.

Key-words: Permaculture, Education, Consciousness, Antroposophy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
1.2 A PESQUISA SOCIAL: ABORDAGENS INICIAIS E DESAFIOS.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E RELATO DA EXPERIÊNCIA.....	20
2.1 CONTRIBUIÇÃO DA ANTROPOSOFIA PARA UMA FORMAÇÃO HOLÍSTICA.....	26
2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA NOVA FORMA DE VER O MUNDO?	29
2.3 PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA APLICADOS À DIDÁTICA ESCOLAR.....	30
3. PERCURSO DO PROJETO.....	35
4. CONCLUSÃO.....	43
5. REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo a promoção de atividades baseadas nos conceitos de Permacultura, criada pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren, nos anos 70. É uma reunião dos conhecimentos de sociedades tradicionais com técnicas inovadoras, com o objetivo de criar uma "permanente cultura", através da sustentabilidade e da cooperação entre os homens e a natureza.

Entre as aplicações mais visíveis e conhecidas da permacultura atualmente, está o desenvolvimento de espaços em formato circular- forma essa conhecida também como mandala. Este *design* se baseia no fato de que na natureza é o formato que ocorre com grande frequência, e que por isso, proporciona maiores vantagens no momento da manutenção e fruição do espaço construído. A permacultura, como conceito estruturado, possui uma ética própria bem como princípios que dão norte à sua atuação. Usaremos deste conceito como um ponto de referência, como uma ferramenta que auxiliará no desenvolvimento das atividades propostas. Não será usada como finalidade última, mas como linguagem para se entender o processo e o resultado almejados.

A caminhada percorrida pelas idealizadoras deste projeto teve seu início com um PDC (*Permaculture Design Course*) nas Ilhas Canárias, em agosto de 2015. Este curso é internacionalmente reconhecido, feito a partir da metodologia criada por Bill Mollison, e consta com mais de 80 horas de atividades variadas. A partir disso, entramos em contato com as ideias da Permacultura e decidimos aplicá-las em nossos projetos paralelos em Pato Branco, Paraná. Começamos com uma horta na ONG (Organização Não-Governamental) Remanso da Pedreira. Em nosso sítio passamos a cultivar uma diversidade de alimentos de maneira orgânica. Contribuímos com nosso conhecimento e força de trabalho nas hortas comunitárias da cidade, bem como em sítios de amigos que promovem vivências e cursos de Permacultura.

O próximo passo que queríamos dar era voltar à escola que estudamos boa parte de nossas vidas para levar e aplicar esse conceito de alguma maneira. A ideia que nos foi proposta foi a construção de um espaço circular pedagógico, em que os alunos pudessem desfrutar de um ambiente natural e harmônico, para um aprendizado diferenciado.

Construir um espaço alternativo dentro da escola não se refere apenas ao plano físico, visto que o que importa “não é o fato de que habitamos e povoamos toda a Terra, todos os seus diferentes espaços naturais (...). O que faz a diferença é que nós, os humanos, aprendemos a habitar os lugares onde vivemos de uma maneira inteiramente nova, diferenciada e inovadora” (BRANDÃO, 2008 p. 38-39).

Este trabalho busca a reflexão através da prática sobre essa temática. Pensar em um ambiente inovador dentro de um local tradicional de ensino encontra uma série de barreiras burocráticas que primeiramente apontam para os desafios deste projeto:

1) Sendo a escola, como nos aponta Althusser (ALTHUSSER;1985), um aparelho ideológico do Estado, sua tendência é a de barrar iniciativas de pessoas desconectadas com seu sistema de regras e que venham a interferir na sua política ou conjunto de ideias e valores;

2) A Permacultura, por ser um termo que ainda está conquistando espaço no cenário brasileiro, causa curiosidade e, às vezes, estranhamento. Suas práticas ainda não estão consolidadas, até porque trabalha com uma ideia dialógica entre homem e natureza, não estabelecendo desta forma padrões fixos para serem reproduzidos;

3) O tempo que uma mudança de consciência exige é incalculável, varia de ser humano para ser humano. Entendemos esta intervenção como um pequeno passo, e que seus impactos serão percebidos de maneiras diferentes, em momentos diferentes, com intensidades que dependem do grau de abertura de cada pessoa envolvida;

4) A ciência antropológica traz para a questão educacional a visão holística do homem, considerando sua materialidade e também sua espiritualidade. Entretanto, ao trazer essa perspectiva para este trabalho, estamos cientes de que é uma ciência que está no início de sua caminhada e encontra, portanto, barreiras no entendimento e na aceitação de seus pressupostos.

Com essas considerações sobre os desafios, penso que o pesquisador é um ser privilegiado na construção do saber humano. Apesar das dificuldades, este trabalho é o resultado gerado de uma práxis revolucionária, cujo objetivo é uma transformação, não apenas das condições escolares, mas no entendimento que os alunos têm de si mesmos e do seu real papel na sociedade. Como posso dizer que sou um sujeito crítico se não tenho condições para expressar minhas opiniões e

ideias? E, se tenho liberdade sobre o meu corpo e minha consciência para fazê-lo, em que espaço posso ser ouvido e entendido pelos meus semelhantes?

O formato circular desse espaço alternativo de convívio está muito longe de ter sido escolhido apenas pelo seu valor estético. Assim como nas construções greco-latinas, em que os parlamentos, ágoras e centros de convívio seguiam este padrão, aqui queremos retomá-lo por entendermos que este espaço favorece debates e incita o exercício do posicionamento democrático. Não há nele observador e observado, frente e trás, opressor e oprimido. O que há de fato é um centro vazio que pode ser ocupado por qualquer um.

O objetivo principal desta pesquisa é gerar nos jovens participantes deste projeto a consciência de que a história é um movimentar contínuo de contradições. Neste processo, criação e destruição são condições materiais intrínsecas. Criar um espaço dentro de um ambiente familiarizado, mas que nem sempre proporciona perspectivas sócio-históricas, representa um ato de manifestação humana que gera visivelmente a evolução do espaço ocupado. A escola é um cenário ideal para a construção desta consciência, visto que teoricamente é um espaço que dá suporte ao desenvolvimentos das capacidades cognitivas e criativas. Para além disso, essa pesquisa quer desenvolver a sensibilidade e a habilidade de tomar iniciativas através da própria força de trabalho.

Com o estudo de seus princípios e ética, bem como sua aplicação em uma situação real de intervenção humana, quer-se analisar de que forma a permacultura atua na visão que o aluno tem de si mesmo, e na imagem de si que construiu ao longo do desenvolvimento deste projeto. As atividades propostas têm como base uma pedagogia participativa, que favorece a autonomia do aluno. Suas expectativas, sentimentos, impressões e dificuldades são abertamente trabalhadas durante cada intervenção, num cenário de intimidade e conforto que a própria natureza propicia.

A partir da construção de um espaço diferenciado de leitura e convívio, em *design* de permacultura, e conseqüentemente da aplicação de seus princípios ao decorrer da atividade, buscar-se-á analisar de que forma estes podem contribuir para a evolução das práticas de ensino. Assim, o debate se fará com o objetivo de uma discussão que traga contribuições para a comunidade (não sóa analisada, mas como também outras que se interessem por essa proposta). Com essa pesquisa quer-se aprofundar a defesa do professor José Carlos Libânio (LIBÂNEO, 1985 p. 5) por uma educação pública de qualidade:

A educação é a vida presente é parte da própria experiência humana. A escola renovada propõe um ensino que valoriza a auto-educação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo. (LIBÂNEO, 1985 p. 5)

Queremos entender com este trabalho como a vontade se manifesta no ser humano, o que o faz agir de determinada forma e não de outra. O que nos motiva a agir? Por quais tipos de atividade tenho preferência e quais não me chamam tanta atenção? Trabalhar com o racional em detrimento do sensitivo pode ser o grande engano que a educação está cometendo consigo mesma.

Dentro das tendências pedagógicas e da condição de estarmos trabalhando com uma escola inserida no sistema capitalista burguês, esta iniciativa usa de muitas ideias da tendência liberal renovada progressista (LIBÂNEO, 1985 p. 26). Segundo o professor José Carlos Libâneo numa coletânea de artigos, reunidas no livro “Democratização da escola pública”, nessa concepção de ensino “à escola cabe suprir as experiências que permitam ao aluno educar-se, num processo ativo de construção e reconstrução do objeto, numa interação entre estruturas cognitivas e estruturas do ambiente”. Entendo que a construção e/ou modificação de um ambiente pode nos dar a real consciência do termo filosófico-materialista “agentes transformadores da própria história”- termo este muito usado em parâmetros curriculares e planos pedagógicos governamentais, porém pouco visto na prática real e concreta.

Quando entro numa sala de aula, da mesma instituição escolar em que aplicamos este projeto, o sentimento é de que estou numa instituição do sistema penitenciário. A disposição das carteiras, a elevação do tom de voz do professor, o semblante de tédio de alguns alunos, o soar da campainha de início e fim das aulas, entre outros elementos. Todos, de certa forma, contribuíram na vontade de projetar este ambiente diferenciado. Na perspectiva da tendência progressista libertária de educação, quer-se promover uma transformação da identidade do aluno: “A ideia básica é introduzir modificações institucionais, a partir dos níveis subalternos que, em seguida, vão ‘contaminando’ todo o sistema (LIBÂNEO, 1985 p.37). É um primeiro passo que visa a (re)construção identitária através da educação ambiental.

1.2 A PESQUISA SOCIAL: ABORDAGENS INICIAIS E DESAFIOS

A abordagem empregada para a construção também foi fruto da visão que a permacultura oferece. A partir de uma observação consciente dos espaços verdes, percebemos que o pátio da escola estudada se mostrou de grande valia para se atingir o propósito desta pesquisa. Repleto de árvores e uma área verde que ocupava boa parte do quarteirão, o local que antes servia como *playground*, até então abandonado, foi selecionado como local ideal para a construção de um Jardim Literário. O reconhecimento da área com a professora de ciências, a coordenadora pedagógica e a direção fez parte da etapa inicial.

O projeto “Jardim Literário” foi executado na escola uma vez por semana, com alunos dos 7º anos, em período contrário ao da frequência escolar. Estávamos lidando com (pré) adolescentes, com idades de 11 e 12 anos, em sua maioria meninas. Alguns moravam nas proximidades do colégio e outros em bairros mais afastados. Essa condição não fazia com que os que morassem mais afastados deixassem de frequentar o projeto, sendo que foram os que mantinham mais assiduidade na participação.

Primeiramente foi apresentado, em forma de palestra, o conceito de permacultura aos alunos participantes do projeto. Nesta apresentação foram abordados os princípios éticos, princípios de design, missão e relevância no presente momento histórico. Na segunda intervenção o perfil do grupo participante já começava a se delinear melhor, e então os levamos para (re) conhecer a área de construção. As idéias desenvolvidas na palestra puderam então ser transpostas para auxiliarem na formulação de perguntas e respostas sobre as necessidades e demandas exigidas no cumprimento do projeto. Recolhemos aqui um *corpus* inicial de análise, baseado nas expectativas e projeções dos alunos a respeito de como seria a participação no projeto. A proposta foi a formação de grupos para a formulação de diferentes modelos de *design* para o local, para que os alunos pudessem colocar em prática os princípios da permacultura. Aqui contamos com o auxílio de um estudante de engenharia civil, na medição do terreno e colocação de outras propostas.

Na terceira intervenção os grupos apresentaram, a partir do desenho técnico feito pelo estudante de engenharia, os últimos ajustes e tomamos em conjunto a

decisão final sobre o design do Jardim Literário. A partir disso decorreram as atividades práticas de construção e execução do projeto.

Através de atividades variadas, o foco foi o desenvolvimento humano justo e responsável, a partir de técnicas pedagógicas que valorizam a livre iniciativa, criatividade, linguagem e comunicação. Visando a autonomia dos participantes, bem como o seu encorajamento na tomada de decisões, foram privilegiadas na execução do projeto as relações de grupo, criando um ambiente lúdico e cooperativo.

Por estarmos situados no campo da pesquisa social nossos resultados nem sempre conseguem ser previstos ou analisados com precisão. Falamos de pessoas e, portanto, de uma infinidade de possibilidades que a visão científica não consegue abranger em sua totalidade:

É preciso ressaltar que nas Ciências Sociais existe uma *identidade entre sujeito e objeto*. A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador (...) (MINAYO, 1993 pag. 13)

Conseguimos recolher um *corpus* de pesquisa muito interessante e que será compartilhado em maior detalhe na seção “Percurso do Projeto”. São fotos de práticas e de exercícios que nos possibilitaram uma leitura semiótica para análise do pesquisa. O teor qualitativo deste trabalho gerou uma variedade imensa de códigos, discursos, símbolos, expressões, etc. Por vezes sua análise se dificulta ao precisar manter a imparcialidade, mas é fato que os discursos, por serem subjetivos sempre se interferem e se modificam em diversos aspectos. Assim, buscamos o registro por fotos e vídeos para que nossas percepções não sejam impositivas, mas construídas num processo científico mais humanizado. Analisaremos pelo corpus recolhido as contribuições da construção deste espaço pedagógico alternativo na constiruição de identidade dos alunos no contexto escolar. Ou seja, com esta pesquisa qualitativa temos uma variedade de elementos semióticos que nos possibilitam inferir alguns impactos que o trabalho gerou na consciência dos participantes.

Buscamos inserir nossa intervenção na perspectiva da corrente naturalista da educação ambiental:

Esta corrente é centrada na relação com a natureza. O enfoque educativo pode ser cognitivo (aprender com coisas sobre a natureza), experiencial (viver na natureza e aprender com ela) , afetivo, espiritual ou artístico (associando a criatividade humana à da natureza) (SAUVÉ, 2008, pág. 18-19).

A estrutura deste projeto pode ser dividida em duas partes: na seção I temos a contextualização do trabalho, os objetivos, e os desafios da pesquisa social. Seguido a isso, encontra-se a fundamentação teórica, através da qual buscamos trazer outras vozes dentro da literatura para embasar nossa pesquisa. Na seção II buscamos relacionar a permacultura com as práticas didáticas e, a partir de sua linguagem, fazer uma transposição de saberes para possíveis aplicações em sala de aula. Trouxemos conceitos como a Antroposofia e a Educação Ambiental para contextualizar o leitor dentro da nossa proposta. Fizemos também a descrição do percurso do projeto, com fotos que ilustram melhor o texto escrito. Analisamos dentro do possível os impactos que este projeto gerou na formação identitária dos alunos participantes, bem como a futura continuidade de sua execução.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E RELATO DA EXPERIÊNCIA

Damos um ponto de partida em nossa fundamentação teórica com uma definição aproximada do conceito de cultura. Recorremos aos estudos do professor Dr. Roque de Barros Laraia (1986), mais precisamente no livro “Cultura: um conceito antropológico” para dar forma ao nosso entendimento. Na segunda parte do livro, o autor afirma que “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura (...)” (LARAIA, 1986 p. 68). Os mais diversos povos possuem crenças, costumes e tradições singulares já que aprenderam e se perpetuaram a partir dos diferentes tipos de relação com o meio em que viveram, num processo concomitante de alteração da natureza e de si mesmo. “A cultura desenvolveu-se, pois, simultaneamente com o próprio equipamento biológico e é, por isso mesmo, compreendida como uma das características da espécie (...)” (LARAIA, 1986 p. 58)

A palavra da qual iniciamos essa discussão é herança. O homem ao se relacionar com o meio adquire saberes que são transmitidos. No plano cultural-simbólico temos a educação e no plano material-biológico temos a própria hereditariedade. Tudo que adquire um valor que atende às necessidades do homem em relação à natureza é mantido e transmitido, num processo constante de adaptação. Desta maneira, alguns órgãos se desenvolveram (e continuam a se desenvolver) mais do que outros, em detrimento de sua utilidade de sobrevivência e permanência da espécie.

Ao modificar o meio o homem também modifica a si mesmo através do seu trabalho. Se, por exemplo, construo uma casa posso sentir-me mais confiante perante às dificuldades impostas pela natureza, visto que uma casa possibilita um refúgio, conforto, lugar de repouso, etc. Entretanto o processo de construí-la alterou minha consciência sobre minhas próprias capacidades criativas e de superação dos obstáculos. De modo que, pode-se afirmar que ao executar qualquer ação, existe um nível de consciência inicial e outro final. No nível inicial temos uma tese relativamente estável da problemática que move nossa ação: uma casa na qual eu coloquei a intenção de ser “segura”, precisa ter uma base sólida. Mas no caminho encontro uma dificuldade: a terra em que vou construir é bastante arenosa. Logo, dessa relação tese-antítese, nasce a própria linguagem- mediadora entre as minhas

intenções e a situação real. O que posso criar está sempre no intermédio entre o que quero e o que posso fazer. Temos aqui diferentes tipos de linguagem que surgem para solucionar o problema, que dependem das condições em que o indivíduo que a constrói está inserido e da sua própria consciência- produto do meio em que vive e das heranças genético-espirituais que carrega.

No presente momento em que este texto é escrito e exteriorizado vivemos o contexto social de um modelo capitalista de produção. A voz da autora que escreve é produto de um país que permaneceu na condição de colônia por mais de trezentos anos e, mais precisamente, de uma região que tem como característica a subsistência pelo cultivo agrícola, baseada nas técnicas trazidas durante a forte imigração europeia no início do século XX. Tudo isso gerou no presente momento uma consciência de cultivo arraigado nos moldes de produção capitalista colonial. Ou seja, se no modo capitalista temos como norma a padronização, nas áreas cultiváveis de nossa região observamos extensas lavouras de monocultura.

Se no modo capitalista existe a reificação do homem através do contato indireto de sua força criativa e do produto de seu trabalho, nas lavouras observamos colonos operando máquinas agrícolas- tratores, ceifadeiras, colhedoras, etc. Se a cidade hoje é movida por uma frequência muito mais acelerada do que antes da exploração de novas fontes de energia, o campo não fica pra trás. Tudo nasce mais rápido pela transgenia das sementes e as pragas são fortemente combatidas com agrotóxicos que prejudicam a saúde de quem aplica e de quem consome. Essa realidade antes me passava despercebida e, por não conhecer outras maneiras do homem se relacionar com a terra, vivia alienada à essa condição. Entretanto, após um intercâmbio de dois anos em Portugal pude vivenciar outra realidade e ali conheci o conceito de Permacultura. Como explicado no início do trabalho a proposta desta ideia é modificar a linguagem que o ser humano vem usando para se relacionar com a Terra.

Na Europa, por sua condição de centro financeiro e administrativo, se concentra muito conhecimento e tecnologia, e a Permacultura já é uma prática bastante difundida e aceita em muitas comunidades. No Brasil, o movimento vem se destacando pela prática da Agroecologia e muitas já são as iniciativas baseadas nessa ideia de sustentabilidade. Vale fazer uma ressalva sobre o termo “sustentabilidade”, empregado de maneira muito limitada. Para muitos, ele faz menção apenas à necessidade de se usar recursos sem comprometer as gerações

futuras. Leonardo Boff, em seu texto “Sustentabilidade, tentativa de definição” esclarece que:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando à sua continuidade e ainda a atender as necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (BOFF, 1999, p. 01)

Essa visão é muito mais abrangente e humanista. Repensar nossa existência e as consequências dela muitas vezes é doloroso e exige humildade. Ser sustentável é na verdade fazer um pacto de responsabilidade consigo mesmo e com os demais que coabitam conosco esse planeta, mas “para isso cada pessoa precisa descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto natureza, seja em sua dimensão de cultura.” (BOFF, 1999, p. 4).

Partindo dessa ideia, buscamos inserir os alunos dentro da comunidade escolar, mas agora sob uma nova perspectiva, a de conexão direta com o meio, com a natureza. Tentamos colocá-los em situações-problemas como o exemplo da casa acima mencionado. Ao guiá-los em suas tomadas de decisão utilizamos a linguagem da Permacultura, através de seus princípios. Por exemplo, no Jardim Literário tínhamos a possibilidade de utilizar a doação de uma empresa de adubos químicos, entretanto pela nossa experiência e missão do cultivo orgânico, mostramos os prós e contras do adubo químico e orgânico, trazendo características, concentração dos nutrientes e formas de atuação no rizoma das plantas. Em um debate interessante optamos pelo adubo orgânico (folhas secas, restos da cozinha, esterco) utilizando o raciocínio de que causam menos impacto, são recursos naturais aos quais foi dada uma nova função.

Essa linguagem foi sempre baseada na afetividade com a natureza e com os outros seres que dividiriam o espaço que estávamos construindo. Nem sempre é possível prevermos todos os futuros impactos e consequências de uma atitude, porém também é um princípio da permacultura o re-significar constante, através do “*praticar a autorregulação e aceitar feedback*” (HOLMGREN, 2013, p. 16). Com o passar do tempo saberemos se as plantas se adaptaram à nossa escolha, pois através do “*observar e interagir*”(HOLMGREN, 2013, p. 16) teremos novos desafios num processo contínuo de tese-antítese-síntese. O processo não é instantâneo

como supõe o modelo capitalista. É preciso “*usar soluções pequenas e lentas*” (HOLMGREN, 2013, p. 17) porque esta é a frequência do planeta Terra.

O cérebro demorou um tempo inconcebível na nossa pequena existência para se constituir como é. Em uma concepção heraclitiana de que tudo está em constante transformação e de que o rio que passa nunca é o mesmo, assim também é com todas as espécies. A cada momento que passa (obviamente na sensação humana do tempo) a evolução é o princípio que rege desde a menor molécula do vírus ao coração de uma baleia. Todas as partículas estão em eterna mutação. Dentro das partículas morremos e nascemos ininterruptamente. As células estão em constante mutação, razão pela qual nascemos, crescemos, envelhecemos, morremos, nascemos, crescemos.... em um processo cósmico infinito-eterno-imutável.

A visão transcendental da vida (devido também à minha aceitação e aquisição da cultura oriental) é algo que está intrínseco na intenção de realizar este trabalho e de escrevê-lo. Para que se adequasse aos moldes do pensamento Ocidental buscamos a integração desses saberes pela visão da Ciência Antroposófica. Com esse conceito holístico, criado pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner no início do século XX, tentaremos compreender o homem na sua totalidade. A evolução da humanidade possibilitou a percepção de novas dimensões sensoriais; partimos do pressuposto da existência de consciências com maior grau de evolução que a do homem, e por isso, buscamos o entendimento de que não atuamos

(...) simplesmente como pessoas que vivem aqui, no plano físico; tal maneira de se proporem tarefas tem tido, nos últimos séculos, uma propagação sempre crescente, tendo ocupado as pessoas de maneira quase exclusiva. O que resultou do ensino e da educação, sob essa concepção das tarefas, é justamente o que deve ser melhorado pela missão que nos estamos propondo (STEINER, 1995, p. 06).

Acredito ser importante aqui o resgate da História da raça humana, visto que nossas capacidades nascem da relação sensível-inteligível. Steiner (1995), dentro da Antroposofia, nos informa que nos primórdios imemoriais da constituição do homem (muito anterior à própria civilização de Atlântida descrita por Platão) com a consciência da diferenciação dos sexos, aconteceu também o aparecimento do Ego, e a conexão com o Eu Superior, dando origem também ao nosso entendimento espiritual da vida- daí o nascimento de diferentes organizações religiosas. Afirma

também que com essa divisão a laringe começou a se desenvolver e a partir disso foi possível o homem adquirir linguagem. Este órgão está em seu desenvolvimento máximo, já que o ser humano se constituiu enquanto um ser que interage, comunica ideias e expressa sentimentos.

Se estamos conscientes dessa situação, como então potencializar o sua evolução dentro da limitação que o homem pode atuar? A evolução da educação passa pelo desenvolvimento da própria laringe enquanto órgão que desempenha uma função extremamente relevante para a raça humana. Expressar nossas vontades é sempre um entendimento de busca do Eu superior, da conexão que mantemos com o sublime através do livre-arbítrio. Aceitamos que:

Tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. É o sentimento que produz encantamento face à grandeza dos céus, suscita veneração diante da complexidade da Mãe-Terra e alimenta enternecimento face à fragilidade de um recém-nascido (BOFF, 1999, p. 01).

Não queremos desmerecer a razão, e sim aceitar que ela não é o ponto de partida. Não é a causa maior, mas o efeito de condição sentimental do homem. Uma educação baseada nessa consciência é a única que pode levar o homem a superar suas limitações biológicas-culturais intrínsecas (até porque não existe antítese sem tese). A cada momento que não expressamos nossas vontades e sentimentos, que ficamos com “um nó na garganta” travamos a evolução da própria humanidade. Na escola baseada no sistema capitalista não há voz nem vez para o aluno falar de seus sentimentos. Expressá-los, então? Passa bem longe disso. Educar pelo logos, tendo a razão como causa maior, leva qualquer atividade feita na sala de aula a entrar numa espiral sem fim, que sai de um ponto-inexistente e que chega a lugar-algum. Obviamente o sistema baseado no capital coloca entraves para a mudança dessa situação. Foi por esta razão que esse trabalho tem sua atuação prática. Entendemos que não basta falar, é preciso agir e o momento ideal é o “aqui e agora”. Todo desafio é na verdade a melhor condição para a expansão da consciência. Muitos foram os entraves, principalmente de natureza burocrática. Todavia o projeto saiu do papel e encontra-se em andamento rítmico e orgânico.

Acreditamos que o próprio processo de construção dessa sala de aula alternativa já foi uma aula de práxis revolucionária. A ideia é que esse espaço

continue constituindo um lugar que ofereça novos desafios, pois “ o ambiente em que o aluno está inserido precisa ser desafiador, promovendo sempre desequilíbrios. A motivação é caracterizada por desequilíbrio, necessidade, carência, contradição, desorganização, etc” (MIZUKAMI, 2014, p. 80). A investigação pessoal deve sempre nortear o uso desse espaço, já que a natureza oferece uma infinidade de situações-problema a serem debatidos.

O desafiador representa um constante sentir. Em situações de dificuldade nossos sentidos se aguçam, nosso organismo se potencializa, nossa consciência expande. E como o homem não nasce pronto, como um projeto acabado, sua essência é um eterno vir-a-ser. Para Mizukami (2014) cada indivíduo opera uma consciência individual autônoma e interna que lhe permite significar o mundo. É função da educação criar condições para que o indivíduo a expanda.

O Jardim Literário serve como o “palco” de grandes descobertas. Tanto durante a sua construção quanto no momento de ser usufruído como sala de aula. Os alunos puderam alcançar nessa oportunidade a tão almejada autonomia (conceito-chave na educação libertadora de Paulo Freire) pela tomada de decisões sobre como os espaços podem ser mais bem aproveitados, suas necessidades, preferências, criatividade (usando para isso conceitos da Permacultura). Entendemos que é preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas, e em seus métodos, adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoas, transformar o mundo e estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história... (Freire, 1974a, p. 42, *apud* MIZUKAMI). Para transformar a realidade é necessário que o homem tome consciência dela. Essa condição vem da prática, da alteração do meio através do trabalho.

O formato circular do Jardim não foi escolhido por mero acaso ou simplesmente pelo seu valor estético. Foi escolhido porque na natureza o circular é um padrão que se repete constantemente. Esse simples fato, mas que advém da consciência do observar com cuidado é de extrema importância para se iniciar uma intervenção consciente no meio. Esta abordagem foi adotada para que se fosse adquirido um entendimento sobre a intervenção humana no meio em que vive. A linguagem é ferramenta essencial nesse processo. Resignificar a própria linguagem é resignificar a própria forma de ver a sua cultura. Ao mudarmos nossa maneira de

nos relacionarmos com o meio e com os outros nossos pensamentos são fortemente alterados. Segundo Vigotsky:

(...) o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos lingüísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. Fundamentalmente, o desenvolvimento da lógica na criança, como o demonstraram os estudos de Piaget, é função direta do seu discurso socializado. O crescimento intelectual da criança depende do seu domínio dos meios sociais de pensamento, ou seja, da linguagem (VIGOTSKY, 1991. p. 47).

Na abordagem das atividades semanais propostas para a execução do jardim, trouxemos autores que tratam sobre uma nova educação ambiental, principalmente as atividades propostas no livro “Criando Habitats na Escola Sustentável”, da pedagoga australiana Lucy Legan (LEGAN, 2007. p. 9).

O desenvolvimento das atividades foi sempre permeado pelo conceito de educação dentro da Antroposofia do filósofo austríaco Rudolf Steiner (STEINER, 1995 p. 23):

(...) o ensino deve ser ministrado de maneira a se levar continuamente em conta que no ser humano existe um elemento morto, algo fenecente que deve ser transformado em algo renovado e vivo. Se abordarmos a Natureza e outros seres vivos apenas de modo contemplativo —portanto, com nossa representação mental, que é pictórica —, estaremos mais dentro de um processo letal; se abordarmos os seres da Natureza e do Universo com nossa vontade, estaremos dentro de um processo de vitalização (STEINER, 1995. p 23).

Estar consciente de nossa intervenção no meio significa estarmos ativos perante nossas intenções e vontades. Não basta estarmos no meio natural, é preciso encorajarmos uns aos outros a nos posicionarmos criticamente dentro das situações-problema apresentadas em cada etapa. Além disso, as barreiras burocráticas da escola tendem a afastar o aluno do real sentido daquilo que está fazendo. Desta forma, procuramos que os participantes do projeto estivessem sempre presentes nos debates e tomadas de decisões, para então ter consciência holística do projeto.

A linguagem emancipa e faz com que o homem transcenda sua condição original, entretanto, dentro de uma instituição social, transforma-se claramente em um instrumento de poder:

A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos no entanto que, na sua

distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo (FOUCAULT, 2004, p. 12).

A ideia foi sempre oportunizar a fala dos estudantes a fim de entendermos a maneira como se posicionam dentro do seu próprio discurso e assim conduzir melhor o trabalho da construção física do espaço pedagógico alternativo. O contato direto com a parte administrativa nem sempre é muito frequente ou tem um tom tão intimista quanto o que os alunos puderam presenciar. Este tipo de situação- que surge como um “efeito colateral” da realização de um projeto- é de extrema relevância, pois são situações em que os alunos vivenciam tomadas de decisões que afetam toda a escola. A responsabilidade e comprometimento são valores de teor crucial na formação de seres sociais com voz crítica. São valores que transcendem a escola e a própria sociedade, afetando diretamente a noção que se tem do seu Eu, e conseqüentemente de um Eu superior que forma a própria personalidade individual.

É através da liberdade e do livre-arbítrio que a educação pode cumprir melhor seu papel. Educamos para chegar a uma auto-educação, à uma autonomia e independência. Qualquer iniciativa que vá em direção contrária a essa proposta falha gravemente com a concepção defendida nesse trabalho. Desta forma, buscamos acompanhar de que maneira as vivências obtidas na construção do novo *habitat* contribuía nas iniciativas cotidianas dos alunos. Muitos relatavam estar ajudando nas hortas de familiares e que as experiências práticas conferiam-lhes legitimidade em seus discursos.

Muitos ainda vêem a criança como um “ser menor”, cujas opiniões emitidas não possuem valor igualitário em relação às de alguém “vívido”. Todavia, apesar das intervenções acontecerem uma vez por semana, sentimos a contribuição e a confirmação de que o trabalho consciente altera nossa visão de mundo e posicionamento perante ele.

Atuar enquanto facilitadora dos trabalhos teve exercido fortes mudanças na minha consciência. Muitas vezes, quando estamos em posição mais centrada na execução em si do que à frente do andamento do projeto, acabamos por nos deixar levar, ou ficamos mais apáticos. Durante a execução de certas partes do projeto, os alunos, sem a nossa forte intervenção e liderança, acabavam por se dispersar.

Entendemos nesse momento que havia a falta do reconhecimento da comunidade escolar perante o trabalho que vinham executando. Esse tipo de relação deriva essencialmente do sistema que não valoriza iniciativas que promovam evolução da consciência. Frente a isso, trouxemos sempre a importância de entender que: “a libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas.” (BOFF, 1999 p. 7)

A imaginação se mostrou como a grande peça-chave para uma educação libertadora. Antes da execução dos projetos paralelos, usamos de *brainstorms* para enriquecermos nosso entendimento sobre quais seriam as intenções que movimentavam a vontade de agir dos alunos, e depois buscamos mexer com um mundo imaginário e fantástico, pois

se a fantasia é recebida de forma suficientemente intensa — o que na vida comum acontece apenas inconscientemente —, assumindo tal vigor que permeie todo o ser humano até os sentidos, obtemos as imaginações comuns, pelas quais representamos os objetos exteriores. Assim como o conceito nasce da memória, da fantasia nasce a imaginação, que fornece as visualizações sensórias. Isto emana da vontade (STEINER, 1995 p. 15).

Muitos de nós nunca se perguntou o que é a vontade individual, de onde ela vem e por que é tão distinta entre um ser humano e outro. Ela é muito mais complexa e uma explicação que não leve em consideração as leis do universo não dá conta de entendê-la como um todo. A vontade seria como uma semente que floresce e se manifesta, mas nunca tem fim. Esta semente carrega nossa hereditariedade biológica- anímica. Neste processo atávico existe o mesmo processo universal de contração e dilatação, sístole e diástole, inspiração e expiração. Essa dinâmica também está entre vida e morte. A vontade, porém, carrega algo de sublime, algo que transcende a simples relação de contradição que nossa lógica consegue alcançar. Ao passar por diferentes existências a vontade carrega tudo o que já foi e o que ainda será; até porque nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.

Assim como o zigoto se desenvolve em corpo físico, a consciência/espírito que move este corpo trás consigo a vontade e a intenção desse ser ao nascer. Essa somatória se revela ao longo da vida nas diferentes escolhas de um sujeito, na sua peculiaridade em ver o mundo, nos diferentes modos de sentir, das diferentes

formas de se expressar, das diversas intensidades com que é afetado pelas diferentes situações, etc. A condição material como viemos defendendo é de extrema relevância para a construção do Eu, entretanto não viemos como “folhas brancas”, mas somos produto das diferentes vontades/intenções que carregamos com nosso material genético (físico-energético) e de todos os nossos ancestrais, que se juntam à condição material e nos enredam de maneira que, sem resgatarmos a trajetória de vida de nossos antepassados, muitos mistérios podem passar despercebidos durante nossa vida, ou nem chegaremos a reconhecer o propósito pelo qual nascemos. Entendendo as raízes de uma planta conseguimos compreender como ela se alimenta, quais nutrientes lhe são mais essenciais, que tipo de solo lhe agrada mais, etc. Assim também é com o ser humano.

Podemos fazer uma analogia com a música: o instrumento (sua marca, cor, idade, produção, etc.) condiciona a sonoridade produzida, entretanto o estilo escolhido pelo músico que o toca, a forma como se toca, o sentimento que o som desperta, as motivações ao tocá-lo e ao escolhê-lo, a maneira como chegou até a pessoa, etc., obedecem muitas relações de causa e efeito e são condicionadas tanto pelo meio material como quanto pelas vontades movidas pela consciência do indivíduo. O homem, transcendendo sua condição animal e adquirindo consciência de sua intervenção no meio, alcançou a possibilidade de ter uma visão transcendentalista do mundo: o entendimento de que a matéria é energia, e vice-versa. Não estão uma para a outra de maneira excludente, mas faces de uma mesma moeda. Praticar e expandir essa consciência é algo que transcorre de maneira natural na história da humanidade, porém é preciso superar um momento de crise do pensamento técnico-cientificista, oriundo do sistema sócio-econômico de produção que criamos:

Isto caracteriza a grande crise em que vivemos hoje, uma crise de percepção. Esta crise deriva do fato de que nós, e em especial nossos líderes, conduzimos a execução de nossas ações e interações, orientados pelos conceitos de uma visão de mundo obsoleta, de uma percepção de realidade inadequada para lidarmos com nosso mundo, que é cada vez mais complexo. (TORRES, 2005, p. 01)

Não negamos a importância que essa visão de mundo trouxe para o avanço tecnológico. Todavia ela não leva em consideração o lado

sentimental do homem e isso a limita e gera um entrave da evolução da consciência da humanidade (TORRES, 2005).

O homem possui uma identidade, e esta deriva da visão subjetiva que temos do nosso eu. “A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais” (WOODWARD, 2000 p. 56). A identidade é formada pelas escolhas com que me identifico e pelos papéis que assumo consciente ou inconscientemente, e a subjetividade traz à tona o lado sentimental e não-racional envolvido nessa construção de mim mesmo:

“O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nos apegamos a identidades particulares” (IDEM, p. 56)

Com a execução deste projeto possibilitamos aos alunos uma reflexão sobre a “aquisição” de uma identidade individual. Ao escolherem livremente participarem da construção desse novo habitat eles estavam colocando suas próprias visões de mundo em jogo. Puderam, através desta escolha, se posicionarem como alunos ambientalmente conscientes e criticamente engajados com os projetos da escola. Até porque, só conseguimos refletir se somos cidadãos ecologicamente conscientes pelas nossas atitudes diárias: por exemplo, se opto por segurar o lixo que tenho em mãos por mais alguns metros para depositá-lo em uma lixeira ou simplesmente jogá-lo ao chão.

Existe como acima mencionado muito além do que um processo consciente em minhas atitudes que compõem minha identidade. Por sermos seres sentimentais, nossa identidade também vem de como somos afetados pelo mundo. Os alunos participaram de maneira fiel ao projeto, frequentando-o assiduamente e, muitas vezes, chegando a perguntar se podíamos estendê-lo por mais algumas horas ou dias da semana. Isso demonstra, como afirma Woodward (2000), apego a essa identidade particular que estava sendo formada nestes alunos, no contexto escolar que estavam vivenciando e, principalmente, pela carga emotiva e sentimental que davam às suas ações.

Por melhor que sejam nossa escolhas semânticas ou lexicais em nosso discurso, ele só é pleno se nos realizamos enquanto sujeito que o profere

(WOODWARD, 2000). Para Mizukami, a experiência subjetiva atua como fundamento sobre o qual todo ser humano se edifica em seu processo de busca da autenticidade e conhecimento. Formar identidades apoiadas pela subjetividade é uma grande conquista para qualquer educador, mesmo que do ponto de vista da sociedade do capital esse sujeito não procure estar bem colocado.

O substrato material- relações de produção ou ação coletiva- não é capaz de explicar sozinho a complexidade da questão identitária; é preciso estar atento às manifestações simbólicas que emergem do inconsciente e carregam muitos desejos reprimidos. Estes dão um direcionamento particular para a auto-educação do aluno e norteiam as seus interesses e vontades, na tentativa de elucidar os problemas que permeiam suas vidas e que geram obstáculos em sua autorrealização. “Rogers em uma série de afirmações expressou seu ponto de vista: acabei por sentir que a única aprendizagem que influi significativamente sobre o comportamento é a que for autodirigida e autoapropriada” (MIZUKAMI, 2014, p. 51)

O meio em que vivemos condiciona nossa existência, mas existem coisas para além da matéria, que respeitam as leis quânticas do Universo e isso é visível na natureza e nos homens. Este raciocínio não é linear, porém cíclico. Observe ao seu redor: a linearidade não existe, tudo é cíclico, nada é eterno, porém mutável. Fim e início são pontos de vista diferentes de um mesmo fato.

Ao estudar as partículas subatômicas, os físicos quânticos descobriram que no interior dos átomos existe muito mais espaço vazio do que matéria. Eles descobriram, também, que a matéria não existe em pontos físicos determinados, o que há são possibilidades de existência. O “princípio da incerteza”, formulado por Werner Heisenberg, veio mostrar que a realidade é incerta, imprecisa, imprevisível. A matéria não tem consistência em si. O que dá consistência à matéria são as conexões entre seus componentes, são os relacionamentos. (...) O Universo não é composto somente de matéria e energia, e sim, de matéria, energia e, principalmente, de relacionamentos. É um processo. (TORRES, 2005, p. 194)

Uma educação renovadora e revolucionária precisa levar em consideração todos esses fatores, livrando-se imediatamente da pura visão tecnicista de mundo. Não estamos aqui para formar máquinas, mas sim uma nova geração para a humanidade, baseada no sentimento, emoção, liberdade e amor. Co-habítamos esse planeta e por ele precisamos nutrir intenso sentimento de cuidado. Educar é cuidar, é amar incondicionalmente.

Com essa pesquisa quer-se aprofundar a defesa do professor José Carlos Libâneo (LIBÂNEO, 1985 p. 5) por uma educação pública de qualidade.

A educação é a vida presente é parte da própria experiência humana. A escola renovada propõe um ensino que valoriza a auto-educação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo. (LIBÂNEO, 1985 p. 5)

Queremos mostrar que pequenas ideias ou projetos podem ser de grande valia na vida dos estudantes e que assim poderão se tornar cidadãos críticos, sócio-historicamente situados. Da mesma forma que acreditamos que a vida não segue um padrão ordenado, ou que a personalidade dos alunos seja uniforme. Tudo é regido por um princípio de caos e incerteza, em que “o Caos é a variedade individual criativa dentro de um padrão de similaridade” (STACEY, 1991).

2.1 CONTRIBUIÇÃO DA ANTROPOSOFIA PARA UMA FORMAÇÃO HOLÍSTICA

A partir da observação do espaço externo de uma escola pública da rede de ensino estadual de Pato Branco foi delineado o projeto de construção de um “Jardim Literário” para os alunos. Com o auxílio da linguagem da permacultura, a ideia foi planejar um espaço de convívio e estudo, em que os conteúdos vistos em sala de aula pudessem ser trabalhados de maneira transversal, tanto no período da sua construção, como também na sequência, depois de finalizado. Quer-se aqui alterar a natureza da sala de aula tradicional e transmutá-la em um novo espaço, com novas funções e perspectivas. Entretanto, essa iniciativa perderá sua força e propósito quando esbarrar na limitação da visão que o homem tem de si mesmo: “nosso sistema pedagógico e educacional só será impregnado de uma mentalidade correta se nos tornarmos cômicos de que nossa atuação sobre o ser humano nada é senão a continuação daquilo que os seres superiores já fizeram antes do nascimento” (STEINER, 1995 p. 8).

Esta pesquisa se delimita a fazer duas frentes com sua intervenção: utiliza da linguagem da permacultura ao atuar na realidade material de construção de um espaço alternativo e trabalha com a Antroposofia como ciência que estuda as consequências anímicas da intervenção na formação individual, holística e transpessoal dos alunos.

O foco da pesquisa foi o estudo da linguagem da permacultura e sua inserção em âmbito escolar. A partir da realização de atividades pedagógicas e da recolha de diversas semioses (desenhos, depoimentos gravados em vídeo, relatos escritos dos próprios alunos e de pessoas mais velhas da família) o tema desta pesquisa se volta para a reflexão da possibilidade de novas técnicas pedagógicas que façam a diferença na vida dos alunos. Fizemos a recolha de um *corpus* de pesquisa, entretanto este não será analisado em si, mas como um conjunto de possibilidades de novas práticas didáticas que permitam uma expansão da consciência nos alunos participantes destas intervenções.

Através do conceito de homem estabelecido pela Antroposofia, nasceram muitas novas tendências pedagógicas, em que a educação é tida também como uma forma de orientação espiritual (não- religiosa). Segundo Lanz:

A Antroposofia oferece a seguinte explicação: os seres orgânicos possuem, além de seu corpo mineral ou físico, um conjunto individualizado e delimitado de forças vitais, ou seja, um segundo corpo não-físico que permeia o corpo físico. Esse segundo corpo é o conjunto das forças que dão 'vida' ao ser e impedem a matéria de seguir suas leis químicas e físicas normais. Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, chamou esse segundo corpo de 'corpo plasmador' ou 'corpo de forças plasmadoras (LANZ, 2005, pág. 19).

Ou seja, leva-se em consideração que diferimos dos seres inorgânicos, pois possuímos um corpo vital, que permite experiências sensoriais e sublimes. Essa visão do homem, possibilitou uma maneira totalmente diferente de conceber a educação: a Pedagogia Waldorf. Criada por Rudolf Steiner em 1919, a pedido do proprietário da fábrica de cigarros Waldorf para os filhos dos operários, é um método inovador, que trabalha todos os aspectos da vida humana, através da arte, ciências e espiritualidade. Quer-se aqui defender o uso de muitas dessas técnicas e inseri-las no cotidiano da escola pública. É um trabalho, que além de atuar em âmbito da expansão da consciência vai também permear o campo político e ideológico. Travamos uma luta para que a materialidade aceite ou permita gradualmente a universalização da criticidade, da desalienação, a expansão da criatividade, espiritualidade e talentos artísticos.

Por ser diferente a concepção dessas tendências com a realidade vivida na escola estudada no presente projeto, delimitamos este estudo como uma defesa da inserção da educação ambiental na vida diária dos alunos. Entretanto, esta não se faz dentro dos padrões impostos pela escola ou pela lógica do sistema econômico em que está estruturada.

Esta intervenção, para a construção do espaço físico, se faz em período contrário da frequência escolar dos alunos participantes e é um projeto voluntariado, movido única e exclusivamente pela vontade de suas idealizadores. A Permacultura é usada aqui como a linguagem que dá suporte ao entendimento que essa nova visão da educação exige. O construir e cooperar com os habitats naturais é um ponto central dentro da educação ambiental. A partir desta intervenção várias questões serão abordadas em relação à conscientização ambiental. Veremos na concepção antroposófica de educação que as partes se conectam a um todo maior, a um propósito que não fica restrito ao "aqui e agora", mas que visa a própria evolução da humanidade. Como diz Marie Steiner na introdução de *A arte de Educar*: "o indivíduo representa por si, de maneira concentrada, aquilo que toda a Humanidade representa no decurso de seu devir histórico" (STEINER M. 1995, p.4)

Assim, com o viés dado pela permacultura e pela antroposofia, será possibilitada uma compreensão mais ampla da relação humana com o meio natural e a caracterização do homem como agente transformador da própria história. Sendo a escola uma instituição social que possui parte desta missão, com este projeto, o aluno tem a oportunidade de vivenciar uma situação prática construtiva de si mesmo- situação esta que pouco ou raramente ocorre na educação pública.

Por ser ainda a permacultura um conceito relativamente novo dentro da linguagem acadêmica, este trabalho utiliza da *práxis* para fundamentar sua relevância e possíveis contribuições dentro de uma revolução educacional que urge no cenário atual brasileiro.

O grande avanço tecnológico das últimas décadas vem afastando o homem de seu espaço de intervenção natural: o meio ambiente. Em análise histórica, o contato com a terra que possui um jovem na idade escolar da escola pesquisada que vive na área urbana, pouco ou nada, lembra o de gerações que o antecedeu, as quais viviam e subsistiam do cultivo agrícola. Este fato liga-se também com a crescente preferência dada a uma realidade paralela: o mundo virtual. “Vivemos numa época em que esse apelo ao egoísmo humano deve ser combatido em todas as esferas” (STEINER,1995 p. 6) e a escola é uma peça-chave nessa mudança.

Estando afastado de sua condição natural, o presente momento histórico se caracteriza pela busca do homem em reconstruir o sentido de sua existência. Ao reconhecer a beleza contida na natureza, esta pode tornar-se um reflexo de si mesmo, gerando respostas mais abundantes. Através do contato com a natureza podemos ter uma base de como gerar uma linguagem de maior afetividade, pensamentos mais ordenados e um desenvolvimento mais justo e saudável.

A intervenção consciente no meio ambiente, bem como na sua preservação, vem se mostrando essencial numa nova maneira de educar e de ver a escola. Conectar os alunos com ambientes naturais mais harmônicos pode trazer vantagens no processo de ensino-aprendizagem, já que o bem-estar é imprescindível na assimilação eficaz de novos conhecimentos. A educação ambiental promovida neste projeto busca essencialmente essa integração dos saberes e do homem com sua condição natural, entendida aqui como essencial numa nova visão pedagógica. A palavra permacultura vem da junção de dois termos: “cultura” e “permanente”. Por si só já diz o que veio propor. Não quer o homem permanecer neste planeta? Desta

forma, não apenas os recursos, mas toda a cultura que se estabelece na intervenção humana no meio em que vive deve ser repensada

Atividades que visam a cooperação do grupo ao invés da competição, a integração dos saberes ao invés da polarização entre 'certo' e 'errado' tem gerado uma série de resultados positivos na formação da identidade dos seres humanos, não só em vida escolar, como em qualquer situação ou faixa etária. Novas tendências pedagógicas vêm buscando trazer a valorização de espaços alternativos dentro das escolas. São espaços diferenciados de leitura e convívio que dão suporte para educadores explorarem novas didáticas e inovarem sua maneira de conceber a aula.

As capacidades cognitivas ganham impulso em seu desenvolvimento ao usarmos este tipo de espaço como instrumento pedagógico. Em um ambiente natural- como o proposto no Jardim Literário- planejado e agradável, as capacidades humanas podem ser potencializadas e o professor também se torna um sujeito em busca de conhecimento, já que o contexto busca valorizar o construir-se enquanto transformadores da própria história e não apenas a formação de "alunos".

A interdisciplinaridade surge em nosso atual contexto escolar como uma das grandes metas a serem alcançadas. Aulas em que os saberes das mais variadas áreas dialoguem de maneira concisa impulsionam o amor ao conhecimento e ao seu processo de aquisição. Nesta proposta de ambientá-los em um lugar diferenciado, todas as disciplinas podem ser trabalhadas de maneira transversal. Isso representa um grande passo para a educação brasileira, visto que em muitos países este enfoque é primordial.

2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA NOVA FORMA DE VER O MUNDO?

Ao inserir o aluno em um meio natural presente na escola e ao dar a ele uma missão de intervenção consciente, quer-se estudar as consequências que isso traz na sua maneira de ver o mundo e a si mesmo, visto que "somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente" (BOFF, 1999, p. 01).

Por entendermos que o homem se constroi a partir do seu trabalho, quer-se aqui trazer esta questão para a realidade escolar. A ideia de um "Jardim Literário" também surgiu da necessidade de se ter um espaço alternativo de leitura, estudo e

convívio, pois entende-se que o meio em que está inserido muda a perspectiva que o homem tem do mundo e de si mesmo.

A escola é vista no projeto Jardim Literário como uma base para o desenvolvimento de um sujeito criticamente inserido na sociedade e que tem força para manifestar-se e expressar suas vontades. Visamos aqui uma tentativa de mostrar, em paralelo com a grade curricular, os benefícios de pedagogias alternativas, que vêm surgindo como forte tendência mundial e que têm inseridas em suas propostas a educação ambiental.

Numa “sala de aula” circular a divisão estática das matérias perde seu sentido. Mais especificamente, este projeto visa colocar o professor numa situação em que confronte suas práticas pedagógicas e a própria imagem que tem de si mesmo. Numa aula tradicional, prevalece a figura do professor como detentor do conhecimento. Isso nem sempre é uma posição consciente, mas a própria configuração do ambiente (disposição das carteiras, foco discursivo, etc) faz com que essa condição permaneça como uma característica presente nas aulas das escolas públicas.

Assim, na tendência de educação ambiental que usamos, há a defesa do uso de espaços ao ar livre para se educar. “As proposições da corrente naturalista com frequência reconhecem o valor intrínseco da natureza, acima e além dos recursos que ela proporciona e do saber que dela se possa obter” (SAUVÈ, 2008, pág.19).

2.3 PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA APLICADOS À DIDÁTICA ESCOLAR

A permacultura é um conjunto de técnicas e conceitos que oferece alguma luz para os questionamentos que a educação atual vem fazendo à sua própria eficácia. Ao entender a natureza como um “organismo vivo”, a permacultura analisa e considera seus elementos constitutivos com a mesma importância no todo. David HOLMGREN, em seu livro *Permacultura, Princípios e caminhos além da sustentabilidade* (HOLMGREN, 2013. p. 16-17), aprofundou os doze princípios que qualquer projeto dentro desse conceito procura levar em consideração.

No primeiro encontramos o “*observar e interagir*”(HOLMGREN, 2013. p. 16), de extrema relevância em qualquer intervenção humana responsável sob o meio em que atua. Ao observarmos antes de interagir damos a oportunidade de o local em

que vamos atuar nos dê“pistas”de como agir. Da mesma forma, ao observar quais são as necessidades do aluno consegue-se propor conhecimentos que lhe sejam mais atrativos.

Ao “*captar e armazenar energia*”(HOLMGREN, 2013. p. 16) entende-se os ciclos naturais da vida e o ritmo que, tanto a terra como as pessoas, possui. É necessário capital energético para construir qualquer coisa, seja uma horta sustentável ou a personalidade de um adolescente. A energia para qualquer atividade dentro de sala de aula vem da motivação e da perseverança. Sem isso a aula se torna vazia. Assim como um carro não anda sem combustível, as aulas não fazem sentido quando não captam interesse (energia).

No terceiro princípio há a preocupação em se “*obter rendimento*”(HOLMGREN, 2013. p. 16). Qualquer esforço gera um resultado. Ao se realizar uma atividade, o entendimento de que aquela foi bem-sucedida vem da análise do rendimento, criando um ciclo em que os bons resultados geram novos motivos do agir. O rendimento também precisa ser reconsiderado. Dentro do sistema convencional um bom rendimento pode ser a execução da atividade proposta pelo livro didático. Na permacultura um bom rendimento seria aquele em que o aluno se realiza enquanto agente transformador do meio em que atua.

Ao “*praticar a autorregulação e aceitar feedback*”(HOLMGREN, 2013. p. 16) o sistema se torna dinâmico e flui de maneira mais ajustada com as necessidades/dificuldades encontradas. Na educação este princípio é de extrema relevância, principalmente na construção do papel do professor, já que, ao estar inserido numa relação de poder, não vê o seu trabalho como algo em permanente construção. Na relação professor-aluno ou aluno-aluno, este princípio ressalta a importância do respeito ao posicionamento do outro, valorizando o livre-arbítrio.

“*Usar e valorizar os serviços e recursos renováveis*”(HOLMGREN, 2013. p. 16) retoma a consciência de que as partes estão no todo e que isso nos torna responsáveis pelo que selecionamos. Transpassando esse princípio para o contexto da sala de aula pode-se trabalhar aqui questões paradoxais como “certo e errado”, “melhor e pior”e entender que estas são inviáveis fora do contexto. Assim como utilizar do petróleo não se configura como errado, mas que, dentro do contexto ambiental atual, se apresentar como menos indicado por estar sujeito a esgotar-se e por seu forte impacto no ecossistema.

Numa sociedade pós Revolução Industrial é fundamental “*não produzir desperdícios*”(HOLMGREN, 2013. p. 16). Tanto no sentido ambiental quanto social, desperdiçar tempo e energia em algum projeto deve ser evitado. Estudar é, para muitos jovens, um desperdício de tempo. Uma pedagogia baseada nos princípios da permacultura deve estar atenta para que cada atividade tenha um propósito específico e que ganhe significação especial ao ser executada pelos alunos.

A permacultura favorece o “*design partindo de padrões para chegar aos detalhes*”(HOLMGREN, 2013. p. 17), ou seja, ao se estruturar um projeto é necessário atender às necessidades maiores e só assim partir para os detalhes. Estes padrões mencionados aqui são encontrados na natureza. Assim como o formato hexagonal é ideal na construção de uma colméia, uma sala de aula em que as carteiras se encontram dispostas em círculo pode ser palco de um agradável debate de idéias.

Para um bom resultado é importante “*integrar ao invés de segregar*”(HOLMGREN, 2013. p. 17), pois é na soma das forças que floresce um bom projeto/aula. Sempre que diferentes pontos de vista são incorporados, a qualidade das intervenções humanas aumenta. A sociedade se constrói na união dos homens e, sendo o homem um ser social, o convívio em harmonia com seu semelhante é essencial.

Devemos também “*usar soluções pequenas e lentas*”(HOLMGREN, 2013. p. 17) já que elas apontam para a sustentabilidade e ensinam, em âmbito escolar, questões de perseverança aos alunos. O processo educativo é lento e precisa ser respeitado enquanto tal.

A abundância de elementos encontrados na natureza aponta para o décimo princípio: “*usar e valorizar a diversidade*”(HOLMGREN, 2013. p. 17). Ao concretizar este passo, uma aula ou projeto, se torna mais rico de ideias e elementos. A dialética só é possível na diferenciação. Sem divergência não há conflito, e sem conflito, não se educa. Usar a diversidade de opiniões e pontos de vista cria um cenário fértil para a construção identitária dos alunos.

Em nenhuma hipótese pode-se esquecer de “*usar as bordas e valorizar os elementos marginais*”(HOLMGREN, 2013. p. 17). Eles nos apontam para uma incorporação de pessoas e/ou objetos que geram um fortalecimento do todo.

E por fim, o último princípio de design: “*usar criativamente e responder às mudanças*”(HOLMGREN, 2013. p. 17). Nada permanece igual e, portanto, devemos

estar abertos às novas situações e demandas que aparecem no decorrer da nossa intervenção sobre o meio. Ideias mudam. Propósitos mudam. É necessário responder à essas mudanças.

Os padrões da permacultura oferecem uma nova visão sobre a maneira de educar. Aplicados aos planos de ensino poderiam auxiliar o professor no entendimento da sua função. Para os alunos significa uma tomada de consciência do seu papel na escola e na sociedade, construindo a si mesmo como sujeito histórico-dialético.

A relevância desta pesquisa se dá pelo fato da linguagem ser entendida como uma ferramenta de emancipação e expressão. Usar de uma linguagem que tem como proposta principal a harmonia e a integração, como a da permacultura, favorece o desenvolvimento humano justo e responsável. Auxilia no processo de acolhimento das ideias e sentimentos que as crianças e jovens precisam sentir para se expressarem livremente.

Educar conscientemente é preparar para a vida, em todos os âmbitos (social, psicológico, físico e emocional). Através dos princípios da permacultura quer-se desenvolver uma linguagem de interação consciente entre o homem e a terra, o homem e outros homens: um meio que dá norte ao entendimento e à leitura do mundo, através de padrões que a própria natureza segue.

O construir-se ser humano não apenas vem do entendimento do meu Eu isolado, mas também de como o meio em que habito condiciona a minha existência e de como a minha relação com os demais seres humanos influencia meu pensar, sentir e agir. Ao interagir com o meio natural, criando um novo habitat na escola, podemos elevar nossa compreensão sobre as diferentes formas que os animais usam para construir seus espaços. Os seres humanos “de algum modo ‘desenham’ na mente a ‘obra’ que vão criar, antes de fazê-la”(BRANDÃO, 2008 p. 41) e esta é a grande contribuição da Permacultura para esta pesquisa. Essa técnica tem como proposta o pensar e o repensar do design das construções humanas, abrangendo e lidando de maneira criativa com todos os impactos que estas venham trazer no ambiente, tanto positivos quanto negativos.

Na experiência relatada aqui pudemos entender com grande ênfase a diferença entre a teoria e a prática. A teoria apresenta uma série de pressupostos que não se encaixavam em nossas condições materiais e recursos. Também sabemos que muitas coisas passam despercebidas, por não serem passíveis de

análise ou por não estarem entre os tópicos que nos propomos analisar. O essencial para nós foi sempre refletir em conjunto sobre o fato de que agimos, construímos, modificamos, muitas vezes, de forma inconsciente, sem analisarmos de fato a evolução que qualquer atuação representa. Isso é natural: da mesma forma que a abelha, que constrói o favo em formato hexagonal sem passar por um processo racional ou repensando a eficiência deste formato.

Com o homem também é assim. Mas nós vamos além; utilizamos da linguagem para transmitir ideias, comunicar intenções, expressar nossas vontades. A educação é a forma institucionalizada dessa nossa condição social. Entretanto nos deparamos com métodos e concepções desatualizadas. Com as experiências práticas deste projeto sentimos possível despertar a consciência individual do aluno para um auto-entendimento e a partir disso o deixar livre para escolher, dentro de uma série de opções de ações e decisões, aquilo que melhor se encaixava com seu Eu interior.

PERCURSO DO PROJETO

Vimos participando e desenvolvendo diversas atividades de permacultura na cidade de Pato Branco e região- como hortas comunitárias e cursos de *design* em permacultura. Faltava integrar, em nossa caminhada, essas práticas à alguma instituição de ensino. A ideia inicial era reformular a horta já existente no Colégio Estadual de Pato Branco. Em conversa com as diretoras, coordenadora pedagógica e professora de ciências, levantou-se a possibilidade de criar algo diferenciado num espaço que anteriormente era ocupado por um *playground* e, agora, encontrava-se desocupado. Foi então que começamos a pensar em uma sala de aula alternativa às tradicionais. Trouxemos para o diálogo nossas experiências e referências de atuações em atividades relacionadas à permacultura. Como a escola sempre se mostrou aberta e atuante em questões ambientais, logo encontramos respaldo e aceitação de nosso discurso. Passamos então a elaborar um cronograma de atividades. A primeira estava centrada em uma representação pictórica da ideia;

utilizamos aqui o conhecimento baseado no *design* em Permacultura.



Imagem 01. Primeiro esboço do projeto.
Fonte: elaborado pela autora

Como a permacultura visa o uso de padrões mais frequentes na natureza, privilegiamos aqui o formato circular. Um fator também bastante claro para nós era a utilização de recursos sustentáveis, bem como a recolha de doações dos materiais necessários para a construção.

Na segunda etapa fizemos uma fala apresentando o conceito de permacultura para os alunos do 7º ano A e B do turno da manhã. Essas turmas foram escolhidas pela professora de ciências para participarem da execução do Jardim Literário, por uma série de fatores, principalmente baseados no nível de envolvimento e

atuação que as turmas vinham apresentando ao longo do ano. Convencionou-se que as intervenções aconteceriam todas as quartas-feiras, das 14h às 15h30min.

Na semana seguinte demos início às atividades



Imagem 02: Primeira intervenção com o grupo participante.
Fonte: banco de imagens da autora

com os alunos que se disponibilizaram a participar. Desde o primeiro contato buscamos estabelecer uma linguagem baseada na afetividade e respeito às ideias que iriam propor. Buscamos sempre trabalhar em círculos, numa relação dialógica para que se sentissem valorizados e posicionados no grupo. Fizemos uma dinâmica de apresentação, em que cada participante dizia o seu nome e o associava a um gesto, que em seguida, os demais precisavam reproduzir.

A primeira atividade foi selecionada do livro “Criando Habitats na Escola Sustentável” da escritora australiana Lúcia Legan. Esta proposta teve como objetivo pensar em conjunto o novo habitat que estávamos criando no colégio, a partir de

suas influências, habilidades e conhecimentos.

Árvore da transformação

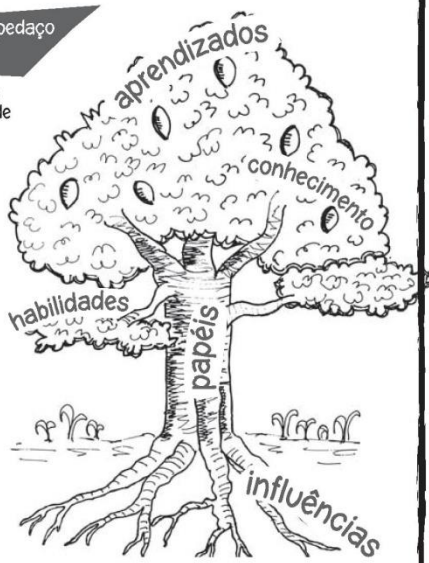
Nesta atividade você vai precisar usar a imaginação, lápis coloridos e um pedaço grande de papel para ver o seu sonho acontecer.

Desenhe uma árvore que simbolize quem você é. Feche os olhos e pense em um habitat que você possa construir, que seja ecologicamente equilibrado e que ajude a salvar a diversidade do planeta. Agora, respondendo as perguntas abaixo, marque a primeira palavra que passa pela sua cabeça. Isso mesmo: a primeira. Elas geralmente são as mais honestas!

1. Que influências você teve, em que se baseou, para criar o habitat natural? Coloque as palavras nas raízes da árvore.
2. Qual será o seu papel na criação do habitat? Ache palavras para colocar no tronco da árvore.
3. Que habilidades você tem e poderá compartilhar com o grupo? Coloque as palavras nos galhos da árvore.
4. Quais conhecimentos você pode compartilhar? Coloque palavras nos outros galhos.
5. O que você gostaria de aprender durante o desenvolvimento do habitat? Coloque as palavras nas frutas.

Após terminar o seu desenho, discuta a árvore com seus amigos. Existem muitas diferenças ou similaridades entre os desenhos? Discuta as possibilidades.

Agora, faça planos para que os seus sonhos e visões saiam do papel!



Habitat Alimentação 9

Criando Habitats na Escola Sustentável

Imagem 03: Atividade proposta na primeira intervenção. Fonte: LEGAN, 2007, p. 9.

As respostas por eles dadas foram transpostas em uma árvore desenhada em cartolina. Na sequência caminhamos sobre o espaço que seria ocupado para analisarmos suas possibilidades, limitações e desafios.

Imagem 04: Alunos caminham pelo terreno para proporem novas idéias ao design. Fonte: Banco de imagens da autora



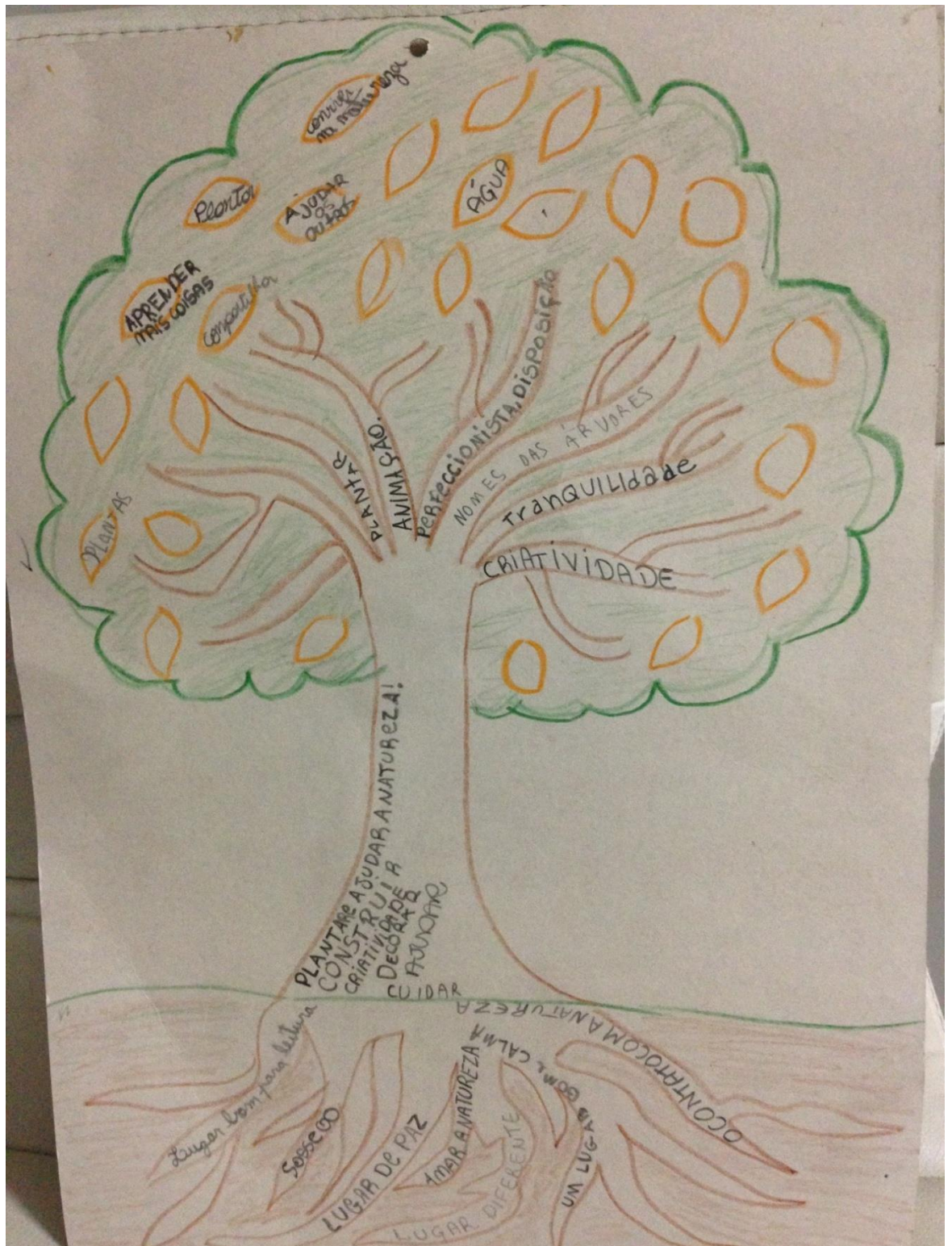


Imagem 05: Resultado da atividade proposta na primeira intervenção. Fonte: Banco de imagens da autora.

Enquanto esperávamos a direção da escola fazer a aquisição de alguns materiais e a recolha das primeiras doações, começamos a fazer intervenções na horta escolar. Nessas vivências falamos sobre adubação com matéria orgânica e

plântio

de

hortaliças.



Imagem 06: Aluno auxilia na adubação do canteiro da horta escolar. Fonte: Banco de imagens da autora.



Imagem 07: Plantação de mudas de hortaliças. Fonte: Banco de imagens da autora

Para que o projeto começasse a ganhar visibilidade dentro da comunidade escolar fizemos a elaboração de cartazes para serem fixados no mural central de



escola. Através do gênero “cartaz” explicamos

conceitos

de

permacultura

e

sustentabilidade.



Imagem 09: Mural informativo sobre o projeto. Fonte: Banco de imagens da autora

O Jardim Literário começou a ganhar projeção dentro da escola e na Feira de Ciências ocupou a posição central dentro das exposições.

Os alunos fizeram uma maquete do projeto e o apresentaram aos colegas. Também elaboraram um quiz com perguntas variadas relacionadas ao meio ambiente cujo prêmio para quem acertava era um produto colhido da própria horta da escola ou da horta comunitária do bairro.



Imagem 10: Exposição do Jardim Literário durante Feira de Ciências. Fonte: Banco de imagens da autora

Desde a medição do terreno buscou-se a integração das diferentes disciplinas. Para encontrarmos o centro geométrico do terreno solicitamos o auxílio de uma professora de matemática.

Esta, aproveitou a oportunidade para contextualizar e demonstrar na prática o conhecimento visto de maneira teórica em sala de aula aos alunos do



Imagem 11: Aluna aplica um quiz com perguntas relacionadas ao meio ambiente. Fonte: Banco de imagens da autora

8ºano. Improvisando um compasso com duas estacas e barbante, envolveu os alunos numa atividade que oferecia um desafio e um objetivo específico.



Imagem 12: Professora demonstra medição do terreno com conceitos matemáticos. Fonte: Banco de imagens da autora

Ao ministrar sua aula, a professora se confrontou com o teor prático da proposta. Não se abateu com as dificuldades (cerca, materiais e ferramentas que impediam o percurso livre do barbante), sentindo e mostrando a diferença entre explicar no quadro e aplicar em uma situação real a medição. Aproveitou, em sua reflexão final, para contar a história de como foi feito o primeiro compasso na Antiguidade.

De qualquer modo, esse experimento ainda esbarrou em uma dificuldade já prevista nesta pesquisa: a formação do professor. Dentro da formação tradicional dos cursos de licenciatura, ao acadêmico não é dada a oportunidade de transcender a técnica usada por seus mentores. Desta forma, as universidades continuam este ciclo, formando professores de mentalidades tradicionais, com concepções de ensino bancárias. Constatamos isso, ao perceber que a professora ficou com a fala na maior parte do tempo e não abriu espaço para que os alunos usassem sua intuição e/ou até mesmo desenvolvessem suas próprias técnicas de medição. Claro que o formato da aula também é uma dificuldade explícita. Joga-se com o tempo,

com a intenção de “vencer o conteúdo”, o que não permite uma abordagem mais livre e dinâmica da atividade.

As primeiras mudas utilizadas no Jardim Literário também foram resultado de uma atividade promovida nas aulas de ciências. Ao estudarem os biomas e ecossistemas a professora promoveu uma atividade prática de plantio e cultivo de espécies escolhidas a critério dos próprios alunos. Após a apresentação em sala de aula, os vasos (em sua maioria aproveitamento de garrafas PET) foram expostos para a comunidade escolar, primeiramente na entrada da escola e depois na Feira de Ciências, para então, na sequência, serem plantadas nos canteiros.

As atividades foram suspensas durante uma interrupção das aulas decorrente da greve, mas logo que retornaram o projeto foi retomado. Na sequência completamos os canteiros externos com terra e adubo e desenhamos os canteiros internos, também completando-os com terra. O próximo passo será a colocação de bancos e do pavimento.

Inicialmente a ideia do projeto era analisar , pela recolha do discurso dos alunos, a visão que eles tiveram de si mesmos durante a execução do projeto. Todavia, o tempo estimado para a construção do Jardim Literário foi muito maior, então resolvemos voltar a pesquisa para um direcionamento cultural e da importância do trabalho na construção da história. Muitos recursos financeiros e apoios

empresariais foram prometidos inicialmente e pela escola, mas durante a execução contávamos apenas



com

Imagem 13: Alunos auxiliam a prática para encontrar o centro da sala circular. Fonte: Banco de imagens da autora

nossos próprios esforços.

A descrição do percurso do projeto chega ao fim, entretando o trabalho não cessou. Ainda há muito por fazer. Podemos afirmar que este movimento, por ser cíclico, não possui um fim abrupto, mas recomeços de novas ideias e propostas dentro deste espaço por nós idealizado. Nossa expectativa é que cada vez mais alunos se integrem à ideia e deem suas contribuições, deixando suas marcas no habitat que marcou parte de suas histórias.



*Imagem 14: Canteiro adubado, com mudas de flores plantadas.
Fonte: Banco de imagens da autora*

CONCLUSÃO

Com essa experiência vivemos na prática o que Leonardo Boff coloca com maestria em palavras:

O ser humano é maior do que o mundo. Nele há uma ânsia infinita. Nele arde um princípio-esperança que o impulsiona sempre a criar e a se re-situar continuamente no mundo, sonhando no sono e na vigília com mundos cada vez mais humanos e fraternos até projetar utopias de suma felicidade e realização. O ser humano, homem e mulher, é um projeto infinito. Eis o que significa transcendência e imanência do ser humano. Enraizado (imanência), se abre ao largo espaço infinito (transcendência) (BOFF, 1999, p. 13).

A cada passo dado muitas descobertas foram feitas. O construir-se ser humano foi entendido de maneira mais consistente com essa atividade prática de intervenção consciente do homem sobre o meio.

Tivemos muitas dificuldades burocráticas, entretanto elas não nos deixaram abater, mas representaram desafios que nos motivavam a fazer sempre mais para o despertar dos alunos. Vivemos hoje um momento histórico muito particular devido às grandes conquistas tecnológicas. Com seu acesso tornando-se cada vez mais popular questionamo-nos das capacidades humanas frente às máquinas. Nosso raciocínio parece estar cada vez mais “frio” e pouco afetivo. Esse projeto cumpriu com seu objetivo de reconectar o homem com o meio natural e de resignificar a palavra “trabalho”. Todos somos dotados de inúmeras capacidades, todavia, poucas são as oportunidades que temos para desenvolvê-las ou expressá-las. Nossas vozes e discursos estão se tornando cada vez mais padronizadas num mundo em que máquinas, robôs e computadores são programados para uma produção em série de larga escala de produtos- que antes eram feitos com meios e propósitos diferentes. Entremeados nessa condição material nossa identidade fica sufocada e pode-se viver uma vida interia sem chegarmos a encontrar uma essência própria, ou nos conectarmos com um Eu verdadeiro e não com o Ego criado pela sociedade capitalista.

Este projeto alcançou seu objetivo no sentido de entendermos através da prática, que não somos o que consumimos, o quanto gastamos ou o valor da nossa conta bancária. Somos aquilo que fazemos para nos tornarmos melhores, aquilo que emana das nossas itenções e vontades pessoais. Nossas ações nos libertam

através de um processo consciente de suas finalidades. Na prática o que vale são nossas iniciativas pessoais, nossa criatividade, como gerimos as relações de grupo e a forma como desenvolvemos nossa parte do trabalho dentro do todo. Para as crianças e adolescentes essas práticas são imprescindíveis na formação do seu caráter e identidade. Nesta fase eles buscam uma maneira alternativa de ser em relação ao modo de ver o mundo colcado pela família. É na escola que podemos compreender melhor novas visões e concepções da realidade. A diversidade cultural é produto das diferentes maneiras que os grupos encontram para se relacionarem com o meio em que habitam. Portanto, foi satisfatório para nós poder apresentar conceitos como a Permacultura e a sua maneira de tratar o trabalho do homem em seu meio.

A Austrália passava nas últimas décadas por um processo de desertificação pelo mau uso dos recursos naturais e a falta da consciência na exploração dos seus ecossistemas. Da necessidade surge a mudança e eis que esse movimento de resgate da relação dos povos ancestrais com a natureza nasceu por lá, ganhou força e se espalhou para o mundo. Em nossa região não é diferente. Nossos antepassados possuíam uma relação mais íntima com o meio em que habitavam. Obviamente isso era possível justamente pelo fato de morar dentro da floresta. Nosso campo de visão dentro da cidade se alterou, vemos concreto por todo lado. Até mesmo no campo o que mais predomina na nossa realidade são lavouras extensas de monocultura. Isso altera nossa consciência e passamos a entender a realidade pelo modo que ela se configura aos nossos olhos.

Neste projeto procuramos modificar a consciência pela alteração do ambiente em que o aluno se encontra. Dentro da própria escola, muitas vezes encontramos áreas verdes, entretanto não são usadas como ambientes pedagógicos. Esse resgate da relação do homem com sua condição de evolução inicial é também um resgate da nossa própria identidade. Nossos antepassados indígenas relacionavam-se com a Terra de maneira holística. Além de ser a fonte do seu alimento, a floresta possuía suas entidades espirituais, que guiavam e protegiam os homens que as reconhecessem e as respeitassem. Por mais que essa relação não seja mais tão comum nos nossos dias, ela ainda paira sobre nós, já que faz parte da nossa História.

Assim como a dualidade entre consciente e inconsciente condiciona nossa forma de agir, expressar e ser, assim é também com a dicotomia pensamento e linguagem. Aquilo que expresso, para o outro corresponde a uma imagem aproximada, mas nunca aquilo que minha vontade significa de fato, pois, como afirma Vigotsky, pensamento e linguagem possuem diferentes raízes genéticas: “Há uma vasta área de pensamento que não apresenta nenhuma relação direta com a linguagem” (VIGOTSKY, 1991 p. 37). Aquilo que chega a ser exteriorizado através da linguagem passa a ser considerado como uma manifestação da identidade do indivíduo, pois carrega suas intenções e formas de expressar suas vontades, percepções, sentimentos, etc. No projeto tentamos ouvir com muita atenção e paciência aquilo que os alunos nos comunicavam pela linguagem verbal e não-verbal, no intuito de chegar ao entedimento sobre o que o discurso que proferiam refletia da sua forma de ver o mundo, bem como da sua personalidade individual. Conversas sobre assuntos pessoais, dificuldades emocionais e cognitivas nas aulas, puderam nos dar maior possibilidade para delinear seus perfis e desenvolver através desta interação uma linguagem mais afetiva e humanizada na escola. Nossa intenção foi sempre tentar relacionar os padrões da permacultura com suas visões de mundo, para assim tornarem-se cada vez mais conscientes do fato de serem agentes transformadores e criadores de sua própria História.

Nossas ações estão para além de reações puramente racionais, elas são produtos de um inconsciente coletivo. Tudo são padrões. Todas as coisas obedecem a Leis universais, em maior ou menor escala, do macro ao micro. Com o comportamento humano não é diferente. A nossa lógica limitada, porém, ao analisar alguma sequência de fatos no tempo, encontra alguns hiatos entre causa e efeito, gerando conflitos em nosso Eu e, por não conseguirmos relacioná-lo com um padrão do inconsciente coletivo ou aceitá-lo enquanto tal, nossa mente adocece. E assim talvez um desses antepassados descrevesse a situação da humanidade atualmente: seres humanos adocidos pelo Ego.

Este projeto foi pensado e executado enquanto materialização cíclica de uma intenção de combater a repetição doentia dos padrões impostos por uma sociedade baseada no consumo inconsciente dos recursos naturais. Apesar da dificuldade que encontramos para conseguir apoio e recursos para executar nossa sala de aula alternativa, cada momento de sua execução esteve repleto de satisfação pessoal,

pelo fato de não ficarmos de “braços cruzados” perante nossa crença em um futuro melhor para a educação. Lançar críticas é sempre mais fácil do que fazer algo para mudar a situação que nos desagrada. Apesar da lei da inércia nos governar a cada instante, transcender essa condição é fazer além do que estamos condicionados a ver. Muitas questões levantadas ficaram por serem estudadas posteriormente, até porque o Jardim ainda não se encontra (e nunca se encontrará) concluído. A idéia é promover constantes manifestações artísticas, ambientais e culturais neste espaço, a fim de gerar cada vez mais uma evolução na consciência da Humanidade.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do Humano. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. Sustentabilidade: tentativa de definição. Jornal do Brasil, 2012. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/sustentabilidade-tentativa-de-definio.pdf>>. Acesso em 10 Nov. 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Minha Casa, o Mundo. Aparecida, SP: Ideias e Letras. 2008

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

HOLMGREN, David. Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade. / David Holmgren; tradução Luzia Araújo. –Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

LANZ, Rudolf. Noções Básicas de Antroposofia. São Paulo: Antroposófica, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEGAN, Lúcia. A escola sustentável: eco-alfabetizando pelo ambiente. 2. ed. Atualizada e revisada. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Pirenópolis, GO: Ecocentro IPEC, 2007.

LIBÂNEO, JoséCarlos. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 2ªEdição. Edições Loyola. São Paulo. 1985

MINAYO, Maria Cecília. (Org.). DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu. Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes. 1993.

MIZUKAMI, Maria da Graça N. Ensino: As Abordagens do Processo. São Paulo: E.P.U., 2014.

SATO, Michele, CARVALHO, Isabel (org.); SAUVÈ, Lucie. Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

STEINER, Rudolf. A arte da educação I. O estudo geral do homem, uma base para a pedagogia. São Paulo: Antroposófica, 1995.

STACEY, R. D. The chaos frontier: creative strategic control for business. Oxford: Butterworth Heinmann, 1991. Disponível em: <http://www.mettodo.com.br/pdf/A%20Teoria%20dos%20Caos%20e%20as%20Organizacoes.pdf>. Acesso em 24 out. 2016.

TÔRRES, José Júlio Martins. Teoria da complexidade: uma nova visão de mundo para a estratégia. I Encontro Brasileiro de Estudos da Complexidade – I EBEC. Curitiba – 11 a 13 de julho/2005.

VYGOTSKY, Lev. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.